

O educador

Teixeira de Pascoaes disse de Leonardo Coimbra ser «uma Trindade: o orador, o professor, o filósofo» (AA.VV., 1950: p. 17). Quem diz *Trindade*, fala forçosamente de unidade. Leonardo é uma unidade que, sem heteronímia, se manifestou com coerência irrepreensível no pensamento, na vida e na acção. Orador, educador e filósofo são para uma tríade perfeita que, na atenção àquela coerência, pedem mútua explicitação. Compreendeu-o de forma muito notável Manuel Ferreira Patrício na *Pedagogia de Leonardo Coimbra: Teoria e Prática* (1992) ao percorrer a filosofia criacionista e ao dela transitar para a reflexão e prática pedagógicas, suspendendo estas dos fundamentos da primeira. Dificilmente se poderá superar este esforço da sua hermenêutica compreensiva, à qual deverão voltar os que queiram estudar e aprofundar a pedagogia criacionista.

São também importantes para a avaliação da figura do educador as *Memórias de um Letrado* de Álvaro Ribeiro, discípulo que sonhou um dia tornar-se assistente de Leonardo na Faculdade de Letras do Porto, como nos confidencia no Livro V (Ribeiro, 1977-1980: vol. III, p. 9). É ele que nos recorda que toda a pedagogia de Leonardo se concentrava neste desígnio único: «*Conhecer, compreender e não aniquilar!*» (Coimbra, 1916: p. 31), por certo também reflexo da lembrança, por contradição, da pedagogia rígida e opressiva que sofrera, menino, em Penafiel, agora a harmonizar-se com o ideal criacionista da sua filosofia — em cujo pórtico se pode ler: «O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer.» (*Idem*, 1912: p. 5) — que soletra o Evangelho do Amor e da Liberdade e exige para o ensino uma transmutação integral de atitudes, métodos e pedagogias, a passagem de um ensino de transmissão de conhecimentos para uma pedagogia qualitativa, centrada no aluno, pessoa e não indivíduo ou número, e adequadamente promova as suas capacidades criadoras, numa visão integradora ou personalista.

Por isso, em *O Problema da Educação Nacional* (1926), diagnosticando os males do ensino português de então, comentava que os programas escolares no ensino liceal, pela «carga de conhecimentos» e pelas horas de trabalho, eram «um verdadeiro estupro intelectual», que os estudantes, «em regra», saíam da escola «tristes, fatigados, sem a alegria de viver que é, no homem, a alegria de *compreender*, incapazes de reacções vitais, criadoras e entusiastas». Questionava: «Onde fica a saúde, a graça, a alegria, uma hora para a meditação, para a vida interior da imaginação, que é a base da invenção, ou da inteligência, clarificando e ordenando?» (*Idem*, 1926: p. 41)

Há, pois, razões para olhar para a antropologia de base da filosofia criacionista como fundamento da visão personalista da sua pedagogia, verificar que naquela alegria e naquela graça ali referidas influi a cosmovisão dos núcleos de realidade — a alegria, a dor e a graça, da obra cujo título expressa este ternário — que o próprio filósofo adequou ao estudo da evolução mental do homem na sua concreta unidade de pessoa: da alegria maternal da infância à dor do conhecimento e da dor do conhecimento à graça como estado de desenvolvimento da inteligência criadora, uma nova posse da alegria, agora a alegria do conhecer, do pensar, do construir e do comunicar em sociedade.

Não se trata afinal, em Leonardo, de simples pedagogia, a que melhor conviria o termo *paideia*, como acertadamente viu José Marinho (1976: p. 100), já que o que se poderia chamar a teoria criacionista da educação tem por centro uma ideia integral de ser humano, simultaneamente pessoa e cidadão, que deposita a essência da educação no agir do educador para a perfectibilidade possível do educando. Este agir responsável é uma tarefa ética do educador em todos os graus de ensino, ao mesmo tempo que contínua exigência de magistério. Entende-se, assim, que Leonardo reagisse mal às pedagogias orientadas para a formação educativa em moldes técnicos e defendesse que tal orientação fosse insuficiente, por ausência de mais amplo conceito de cultura e de consolidada teoria dos fins da própria cultura e, nesta, da educação.

Reflectiu tal direcção, por exemplo, na sua ideia de Universidade portuguesa e, nesta, de destino das ciências teoréticas (ciências da natureza, ciências do espírito e filosofia), a quem cabe o «desenvolvimento da cultura» e cuja utilidade não pode medir-se pelo «rendimento imediato, mas pela sua produção científica, de professores e alunos, e pela acção social de dignificação intelectual do meio» (Coimbra, 1926: p. 46). Esta visão não podia ter deixado de mexer com o tecnicismo instalado e com as pedagogias orientadas ao fim imediato, ontem como hoje, até porque o filósofo, que fora Ministro da Instrução Pública, concebia que as faculdades técnicas e das belas-artes deveriam estar na dependência do núcleo das ciências teoréticas, podendo aquelas existir ou não consoante as necessidades e os condicionalismos regionais: «Este seria o quadro universitário português, ficando a cada universidade o mesmo núcleo teorético *ciências, letras, filosofia*, e cabendo-lhe as escolas técnicas, que a região e os demais condicionalismos determinassem.» (*Ibidem*: p. 45) De idêntico modo, e na estrita observância da dignidade das ciências teoréticas, sem excepção seriam elas a dar formação ao corpo de professores dos diferentes ciclos de ensino.

É *O Problema da Educação Nacional*, tese apresentada ao Congresso da Esquerda Democrática em 1926, o texto onde sinteticamente se compendia a posição

leonardina em face da educação, no que há de essencial para a compreensão da sua *paideia*. Aqui, como na linha que se projecta para trás, para os artigos libertários da *Nova Silva*, a problemática da educação mostra-se constante nas preocupações do filósofo e continuaria actuante no magistério que exerceria junto dos alunos da Faculdade de Letras do Porto.

Professor Doutor Manuel Cândido Pimental

Faculdade de Ciências Humanas | Universidade Católica Portuguesa